

A MEMÓRIA COMO PRODUÇÃO DE NOVOS SABERES

Laísa Xavier Schuh

Yohanna Breunig

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

E-mail: lala_schuh@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo objetiva refletir e compreender sobre a constituição de memórias como fenômeno social e objeto de estudo na área da Educação. A metodologia adotada neste estudo consistiu de pesquisas na literatura tendo como base artigos e livros de sociólogos, historiadores e filósofos, como Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak, sobre memória, trabalhados na disciplina de Educação, Emancipação e Memória Social do Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul, (UNISC), Rio Grande do Sul, Brasil. A localização das fontes ocorreu em biblioteca convencional e em sistemas de busca na internet, como Scientific Electronic Library Online (SciELO) no período de maio a julho de 2018. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Memória; Educação; História. O entendimento sobre o fenômeno memórias tem proporcionado aos estudiosos da área da educação e outras áreas, descobrirem nas suas histórias possibilidades de produção de novos saberes. Há um aumento de interesse pelas abordagens (auto)biográficas nos círculos educacionais nos últimos anos, em que as dimensões pessoais e profissionais dos professores são levadas em consideração para a construção de identidades, um processo complexo em que cada sujeito se apropria do sentido de sua história pessoal e profissional. Ao longo deste resumo expandido foram destacadas algumas abordagens que contribuíram de forma efetiva para a construção da noção que temos hoje sobre memórias, entrelaçando com a pesquisa em educação. Recomendam-se estudos sobre o trabalho da memória vinculados à educação, uma vez que este assunto é recente em pesquisas.

Palavras-chave: Memória; Educação; História.

INTRODUÇÃO

Atualmente, muitos pesquisadores têm colocado em questão o fenômeno da recordação como um fato social, importante para a coesão dos laços sociais que na antiguidade já era valorizada. O estudo da memória coletiva vem ganhando nova vida graças aos esforços de diferentes estudiosos e, frequentemente, Halbwachs (1877-1945) é mencionado como uma referência para as formas coletivas de memória. Maurice Halbwachs foi o primeiro sociólogo a resgatar o tema da memória para o campo das interações sociais, enfatizando os diferentes pontos que estruturam a nossa memória e que a implantam na memória da coletividade a que pertencemos (POLLAK, 1989). Há várias maneiras de lidar com o passado e todas elas envolvem interesses e exclusões e, embora algumas contribuições

clássicas tenham assinalado aspectos importantes relativos à história e memória, dependem de processos seletivos, bem como de elementos que excedem o escopo da razão humana.

Debates e reflexões sobre a preservação e divulgação de memórias vêm ocorrendo em diversas áreas acadêmicas e na sociedade em geral e, especificamente na área da educação vêm nos ajudando a compreender os fenômenos educativos, as inquietações e os desafios que têm mobilizado pesquisadores e professores. Desta forma, o objetivo deste estudo é refletir e compreender sobre a constituição de memórias como fenômeno social e objeto de estudo na área da Educação. Para tanto, será feita uma breve fundamentação teórica, a fim de explicar conceitos e questões relativas às memórias, com base nos trabalhos de sociólogos, historiadores e filósofos, como Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. Em seguida, descreveremos a metodologia utilizada para o estudo, bem como os resultados e discussão e, por fim, as considerações finais e as referências utilizadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sociólogo francês, Maurice Halbwachs, compôs seus principais trabalhos durante a primeira metade do século XX, revolucionando o pensamento da sua época ao afirmar que o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido e analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a reconstrução da memória. Discípulo durkheimiano, Halbwachs, o primeiro sociólogo a resgatar o tema da memória para o campo das interações sociais, negava a ideia de que a memória seria o produto da impressão de eventos reais na mente humana, estabelecendo a tese de que os homens criam as suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantêm com outros indivíduos (ARAÚJO; SANTOS, 2007; HALBWACHS, 1990).

O indivíduo, inserido em um contexto social e cultural, carrega suas lembranças pessoais e, nesse contexto, as consolida. A memória individual sofre influências das diferentes memórias que nos cercam, assim, “a memória do indivíduo está relacionada à classe social a que pertence, ao relacionamento com a família, com a igreja, com a escola, com a profissão, com os grupos de referência” (LOBATO, 2016; HALBWACHS, 1990). Todas essas memórias fazem parte do que chamamos de memória coletiva, que dá sustento à identidade dos seres humanos pertencentes a diferentes grupos.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente

de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Outra questão em debate pelo sociólogo é o esquecimento como uma forma de desapego ao grupo a que pertence ou, também, como um integrante da memória. Para Nora (1993), “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”. Historiador francês, conhecido pelos seus trabalhos sobre a identidade francesa e a memória, aponta que os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia estão ligados a um momento particular da história de cada ser, onde a memória é ancorada. Para o autor, memória e história não são sinônimos, ao contrário, se opõe uma à outra. A memória é a vida, fenômeno atual, que está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. A história, eterna reconstrução do que não existe mais.

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Nora apresenta em *Entre memórias e história, a problemática dos lugares* (1993), os lugares de memória, nos três sentidos da palavra: material, apreendida pelos sentidos; simbólico, onde a memória coletiva se expressa e se revela; e funcional, com a função de alicerçar as memórias coletivas.

Michael Pollak, sociólogo e historiador austríaco, em seu texto *Memória, esquecimento, silêncio* (1989), reforça a importância dos ditos e dos não-ditos para a edificação de uma memória, seja ela coletiva ou individual. Ressalta, também, a importância de rastros significativos que uma pessoa, um grupo ou uma nação deixa em suas experiências de vida e que se tornam pontos de referência para estudos históricos. A memória mantém a coesão interna e defende as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, operando coletivamente os acontecimentos e as interpretações do passado que se quer salvaguardar (POLLAK, 1989). Para Pollak, o processo de silêncio não é esquecimento, e sim uma estratégia para lidar com fatos negativos do passado. O silêncio sobre o passado está vinculado à necessidade de encontrar um *modus vivendi*, ou seja, uma forma de sobreviver e se proteger diante de algum fato ruim. Esses acontecimentos geram o que o autor chama de memória coletiva subterrânea, ou seja, encoberta pela história dos vencedores.

Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária

(presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente, como no caso de uma sobrevivente judia que escolheu permanecer na Alemanha (POLLAK, 1989, p. 13).

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo consistiu de pesquisas na literatura tendo como base artigos e livros de sociólogos, historiadores e filósofos, como Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak, sobre memória, trabalhados na disciplina de Educação, Emancipação e Memória Social do Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). A localização das fontes ocorreu em biblioteca convencional e em sistemas de busca na internet, como Scientific Electronic Library Online (SciELO) no período de maio a julho de 2018. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Memória; Educação; História.

RESULTADOS

Motivados por transformações muitos autores manifestaram interesse pelo fenômeno da memória que “diante das sensações de desenraizamento e de perda de referenciais, a memória delineou-se como um campo privilegiado de reflexões e debates” (SCHMIDT, 2006). Podemos perceber que o trabalho com a memória não nos aprisiona no passado, mas nos conduz com muito maior segurança para o enfrentamento dos problemas atuais.

A memória, entendida como elemento fundamental na formação da identidade cultural individual e coletiva, pode contribuir para o levantamento individualizado de fatos e resgates autobiográficos, em que o próprio pesquisado é o sujeito ativo na pesquisa (NÓVOA, 1995; LOBATO, 2016). A compreensão das memórias tem proporcionado aos estudiosos e docentes encontrarem nas suas próprias histórias possibilidades de produção de novos saberes. Há um aumento de interesse pelas abordagens (auto)biográficas nos círculos educacionais nos últimos anos, em que as dimensões pessoais e profissionais dos professores são levadas em consideração para a construção de identidades, um processo complexo em que cada sujeito se apropria do sentido de sua história pessoal e profissional (NÓVOA, 1995). Ao trabalhar com histórias de vida de professores, por exemplo, memórias são localizadas e narradas, tornando relevante esse olhar sobre o passado, uma vez que esse encontro com a historicidade da educação possibilita fecundas formas de produzir novos saberes que possam ser investidos nas práticas educativas do tempo atual (LOBATO, 2016).

CONSIDERAÇÕES/RECOMENDAÇÕES

Ao longo deste resumo expandido foram destacadas algumas abordagens que contribuíram de forma efetiva para a construção da noção que temos hoje sobre memórias, entrelaçando com a pesquisa em educação. Os resultados encontrados estimulam a pesquisa na área, uma vez que o reconhecimento do professor como um sujeito socialmente constituído, gera a necessidade de compreensão sobre o processo de interação entre o indivíduo e o grupo a que pertence, atentando para a valor do social na constituição do mesmo, sem o desvincular do seu contexto. Diante do exposto, podemos concluir que as pesquisas sobre memória em educação são fundamentais para a promoção de debates, adoção de discursos, formação de saberes pedagógicos e construção de identidades, pois estamos cada vez mais desafiados a pensar a história e a educação quando observamos a origem das experiências que estão dando coordenação e sentido à nossa sociedade e à nossa educação. Para tanto, recomendam-se estudos sobre o trabalho da memória vinculados à educação, uma vez que este assunto é recente em pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **História, memória e esquecimento: Implicações políticas**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, dezembro 2007: 95-111.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1990.

LOBATO, Vivian da Silva. **EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: POSSÍVEIS ENLAÇES**. Revista Margens Interdisciplinar, [S.l.], v. 8, n. 10, p. 77-96, maio 2016.

NORA, Pierre. "Entre memória e história. A problemática dos lugares". **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, (10): 7-29, 1993.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (org.). **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora, 1995.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Vol. 2, Nº 3, 1989.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v.XXXII, n.1, jun.2006.